Anno 11 — Rio de Janeiro, 1886 — Nº 425

Revista Illustrada

CORTE
Anno 16$000
Semestre 9$000
Trimestre 5$000

Publicada por Angelo Agostini.
A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas
á Rua de Gonçalves Dias, Nº 50, Sobrado.

PROVINCIAS
Anno 20$000
Semestre 11$000
Avulso 1$000

Torneio politico em homenagem a El-Rey D. Pedro.
O cavalleiro Liberal levou tal estocada, que todos o julgam morto.
Bravo! exclamou o rei para o cavalleiro Conservador.

Revista Illustrada

Rio, 16 de Janeiro 1886.

Ha onze annos...

Era em 1876.

Dominava o partido da ordem, e fazia as delicias da governação, um ministro celebre, que appellava, sempre, para a Divina Providencia, como a unica tabua de salvação do Brazil.

Nos arraiaes da imprensa, reinava como senhor absoluto, o testa de ferro, e as *publicações a pedido*, eram o castello inexpugnavel, aonde se abrigava o perfido, fulminando o bom senso, a tiroteio de mofinas.

A noticia mal tinha sido ainda descoberta, n'este cantinho do mundo. O reporter era uma utopia, e, apenas, nas *gazetilhas*, de proporções lilliputianas, se lia, uma vez ou outra, alguma communicação official.

Poucos orgãos! Na primeira linha o *Jornal do Commercio*, a recemnascida *Gazeta de Noticias*, e, depois, algumas folhas, que passaram ao olvido, e das quaes resta, apenas, o nome, nos archivos da Bibliotheca nacional.

Foi quando a *Revista Illustrada* appareceu, e, d'esse tempo longinquo, das multiplas publicações que viam a luz, apenas trez poderam conservar-se até hoje: ella, a *Gazeta*, e, o grande orgão.

Tudo o mais sumiu-se, transfigurou-se ou foi renovado.

Esse movimento jornalistico, que se desenvolveu nos ultimos annos, achou-a já no seu posto, dando-lhe as bôas vindas, e acompanhando-o, com todo o contentamento, como succede aos espiritos progressistas, que não ficam embebecidos na contemplação do passado, e, que, quanto mais idade teem, mais parecem remoçar.

E, se não assentasse mal, a um jornal alegre, uma designação archi-seria, nós diriamos que a *Revista* era a vice-decana, da imprensa Brazileira.

Mas, não!

Recordamos, apenas, a nossa vida, ao encetar o decimo primeiro anno, não por vangloria, mas como sendo esse passado, mais uma garantia para o presente e uma seria promessa para o futuro.

Ja temos uma tradicção e havemos de ser-lhe fieis!

Estamos acostumados á faina, e a era das difficuldades, passou.

Quando o publico se affeiçôa a um jornal, durante um tão longo periodo, pode-se bem dizer que o habito lhe fez uma segunda natureza.

Se não temos feito rir a bandeiras despregadas, temos, comtudo, durante dez annos, desanuviado muito fronte, descarregado muito sobrecenho implacavel, e dado origem a que o homem se manifeste pelo seu caracteristico mais incontestavel — o riso.

E, essa missão não é facil! Digam-n'o os que a teem tentado, mormente, quando as coisas caminham de modo, que, em vez de sorrir, todos sentem, intimamente, o desejo de emigrar.

Contra esse desalento, essa tristeza, essa descrença invencivel tem a *Revista* levantado a mais insuperavel barreira, extrahindo dos factos desanimadôres, a nota humoristica, que desarma o desespêro, e deixa vêr, sob as armaduras dos despotas, os ridiculos de um retrozeiro avesso á tragedia.

Pregando-lhe um rabo de papel, arrancando-lhe o nariz de cêra, ou partindo-lhe um limão carnavalesco, na testa, ella tem impedido a tyrannia de se constituir, de se tomar a serio a si propria, e de se tornar mais audaciosa.

O publico tem rido. E, quando isto succede, não ha Ferrabraz que se não desconcerte e não duvide da sua propria missão.

E, assim, n'esse periodo decorrido, a *Revista* tem procurado, sempre, não sacrificar a justiça ao espirito, não confundir o patriotismo com as patacoadas, não cessar de combatter os arbitrios, nem ter condescendencias com as tentativas de oppressão.

Quantos histriões não tem desmascarado!

E quanto auxilio não tem procurado dar, ás grandes causas nacionaes!

Interrogando o passado, sentimo-nos satisfeitos.

E, encetando o decimo primeiro anno de historia tintamarresca illustrada do imperio do Brazil, fazemol-o, desejando que o clero, a nobresa e o povo, nos torturem com a falta de assumptos, proprios d'estas paginas.

Infelizmente, não lhe vemos geito.

JULIO. VERIM.

A's urnas!

Tal era o grito que se ouvia de todos os lados.

A soberania nacional, chamada a manifestar-se, e a dizer n'um quadradinho de papel, se o governo é um anjo ou se a opposição é um cherubim, acabar de declarar, em 1º. escrutinio, que o partido conservador é o melhor dos partidos e que os seus homens são os unicos que, no Brazil, sabem fazer eleições.

No *steeple chase*, de hontem, 28 candidatos do partido da ordem chegaram, juntos, ao pisie do vencedor. Como excepção unica, entre elles, — especie de vaccina para o segundo escrutinio, — ha só um nome: o de José Mariano.

A divisão das forças opposicionistas, antes do pleito, deu este resultado, que uns festejam como a manifestação real do paiz e outros maldizem como um sophisma constitucional.

Entre essas duas opiniões, não é difficil achar um criterio seguro, lembrando-nos de que todo o Brazil não chega a ter uma quarta parte dos eleitores de uma cidade — que, ainda assim, não é a 1ª. da Europa.

Paris, tem inscriptos 664.338 eleitores, ao passo que todo o Brazil tem 148.000! Menos de uma quarta parte!

O direito do voto, é, ainda, é platonico, entre nós, e a restricção homœpathica dos eleitorados, faz com que os depositarios da soberania sejam congidos por todos os modos.

E' por isso, que, em todos os tons, o publico repete:

— O poder é o poder!

Não resta duvida, porém, que no primeiro encontro de forças, a victoria é do governo.

Provavelmente, a estas horas estarão eleitos em primeiro escrutinio 40 conservadores e 8 ou 10 liberaes. Teremos uma nova eleição para as outras circumscripções, aonde se não apurou a maioria absoluta.

Continúa, pois, em vigor o grito enthusiastico: — ás urnas!

E, até vêr, não é tarde!

Luiz Guimarães Junior

Chegou da Europa, por um dos ultimos vapores, o scintillante folhetinista e inspirado poeta, cujo nome encima estas linhas.

Deixou, por alguns mezes, a legação de Lisbôa, aonde exerce, com inexcedivel distincção, o cargo de secretario, e veio matar saudades da sua terra e dos seus amigos, depois de uma ausencia de tres ou quatro annos.

Luiz Guimarães, é, sempre, o mesmo espirito juvenil, que, nos celebres folhetins do *Diario do Rio*, e nos livros primorosos que tem dado á publicidade, soube conquistar a estima e a admiração dos seus conterraneos.

A diplomacia não matou n'elle o homem de lettras, nem lhe arrefeceu o enthusiasmo pelas cousas da arte. Ao contrario, a sua permanencia nas principaes côrtes da Europa, e o convivio com os homens eminentes do velho mundo, teem feito d'elle um dos espiritos mais delicados e cultos, que conhecemos, um poeta de fórma esmerada, um estylista leve, colorido e gracioso.

Sentimos que as suas funcções, apesar de o não absorverem completamente, lhe desviem um pouco a attenção, para assumptos, com que só lucram os archivos da Secretaria dos Estrangeiros, pois que uma vocação tão accentuada, era bem precisa, como auxiliar, ao expansivo movimento da nossa imprensa. Consolamo-nos, porem, lembrando-nos, que hoje, como sempre, as lettras lhe devem uma predilecção muito accentuada, de que dão prova as multiplas composições, que, a pequenos intervallos, são dadas, por elle, á estampa.

Fazendo votos por que o nosso amigo passe um tempo agradavel aqui, em seu torrão natal, onde o ligam tantas recordações, saudamol-o cordialmente.

J. V.

Pequenos Eccos

O Sr. barão de Mamoré começa a pisar um terreno escorregadio.

Imaginem que S. Ex., pertencendo a um partido retrogrado, que costuma estar por tudo o que os reverendissimos senhores padres querem, acaba de dirigir um aviso, ou coisa que e valha, ao bispo, dizendo lhe que n'esta ou aquella lei e que a practica, dos vigarios interinos deve acabar!

Todos sabem, que o meio de ter o clero escravisado, ás ordens dos seus superiores, é não prover as parochias, senão de vigarios encommendados. Nomeados, por um anno, se não se, por acaso, mostram doceis, ao fim d'esse tempo faz-se a substituição.

Cada vigario, tem, pois, uma espada de Damocles suspensa sobre a cabeça: a demissão.

Com os parochos collados, adeus á obediencia passiva, de que, ha dois dias, nos fallava o Sr. Ferreira Vianna.

Bispo e parocho, passam a tratar-se de potencia a potencia, o que não impede que haja toda a ordem e cordialidade nas coisas da igreja, como em tempos idos.

O Sr. de Mamoré, tocando n'este assumpto, parece pôr se fóra das ideias acanhadas do seu partido, e pugnar ao mesmo tempo, por uma medida sympathica e legal, digna, a todos os respeitos, de encomios.

Não podemos deixar de o felicitar.

***

Noticiam os jornaes de S. Paulo que seguiu para a cidade de Caldas, um distincto advogado, afim de tratar da nullidade do casamento da mulher-homem.

Esta mulher ou este homem, como quizerem, era casada ou casado, com um sujeito, que aqui ha mezes, se apresentou a contrahir novo matrimonio.

Effectuado o casamento pelo Revm. Senhor Freitas, houve denuncia de que o nubente já era casado.

Foi, pois, entregue á autoridade, como incurso no crime de bigamia.

Interrogado, declarou, que era casado, porem que a sua mulher era muito mais homem do que elle.

Os jornaes, commentando o caso estranhavam que elle a tivesse podido aguentar, durante um tão longo periodo.

Emfim, o caso cae sob a alçada da medicina legal, que vae procurar pôr as coisas em ordem.

***

E dizem que não ha olygarchia!

Oucam:

— E' um grande partido o nosso! Que disciplina.

— E' verdade! Um candidato, apenas, em cada districto.

— E, então, o Izidro Borges?

— *Abdicou* no Bulhões Carvalho.

***

A *Gazeta Suburbana* offereceu aos seus assignantes remissos um curioso brinde!

— Podiamos offerecer, diz ella, em resumo, — uma folhinha, um romance á escolha, ou um premio, á sorte. Mas isto era vulgar. Dedicamos-lhes, pois, na 4ª pagina, um brinde mais original.

O leitor suburbano, vae cheio de impaciencia vêr o que é, e dá com uma carta de A B C.

Se se provasse que só os analphabetos é que não pagam as assignaturas...

Mas qual...

***

Sabbado passado abriu-se mais um café na rua do Ouvidor.

Denomina-se *Café Riche*, tem uma optima collocação e está preparado com muito gosto...

O consummo do genero, vai assim subindo...

Em pouco, a rua do Ouvidor será a rua dos cafés.

Para ella se devia mudar, tambem, o centro da Lavoura e do Commercio.

***

Referem as correspondencias que o finado rei D. Fernando era um torneiro eximio.

Um discipulo de Lopes Cardoso, fazendo o panegyrico do rei-artista, dizia:

— Amou muito mais os tórnos, do que os thronos!

Apre!

***

N'um tribunal, chamada uma dama, para fazer o seu depoimento, o advogado contrario, dá-a como suspeita.

— Porque? pergunta o juiz.

— Por ser parte interessante, replica o advogado.

Muito amavel!

***

Diz-se que se diz que o cambio não fica em 17 e 31d que vae a 17 1/2.

Oh! E as pessoas de sabôa, para quando ficam?

***

Um viajante, recem chegado pelo trem da noite, dirige-se a um restaurante, afim de ceiar.

Entre varias coisas, dão lhe ostras em muito mau estado.

— Rapaz, exclama elle, estas ostras estão podres!

— Oh, senhor? Como pode isso ser, se ainda hoje chegaram pelo trem?

O viajante, calmo:

— Tambem eu cheguei hoje pelo trem, e tenho 49 annos de idade!

Cada vez melhor...

Dois factos gravissimos se deram, ultimamente, e, ambos na Bahia: a suspensão de *Habeas corpus* e o bombardeamento do vapor mercante, *La France*.

×

Seis ou oito cidadãos, uns lavradores e outros industriaes, quasi todos casados e com numerosa familia, foram agarrados por sicarios da auctoridade, levados para a prisão, e, ali, com as pontas dos sabres apontadas ao peito, obrigados a declarar que assentavam praça, como voluntarios. Recusaram-se. Mas de nada lhes valeu!

Requerida a ordem de *Habeas-corpus* e concedida pela Relação da Bahia, as auctoridades recusam-se a cumpril-a, sob os mais futeis pretextos, mostrando nas suas desculpas, as tramas de uma intriga muito mal urdida.

Era melhor e mais digno que o partido da ordem, já que precisa vencer as eleições, a todo o transe, declarasse a suspensão de garantias e proclamasse o estado de sitio, tanto nas consciencias como no territorio.

O outro facto, igualmente gravissimo, é o do canhoneio do *La France*, ido do Rio de Janeiro, e dando entrada no porto pacifico da Bahia.

Depois de dois tiros de polvora secca, a fortaleza da Gamôa, dispara-lhe um tiro de bala, que despedaça a amurada do vapor, e mata, em seu beliche, um passageiro!

Tudo isso é tão extraordinario, que custa a crêr.

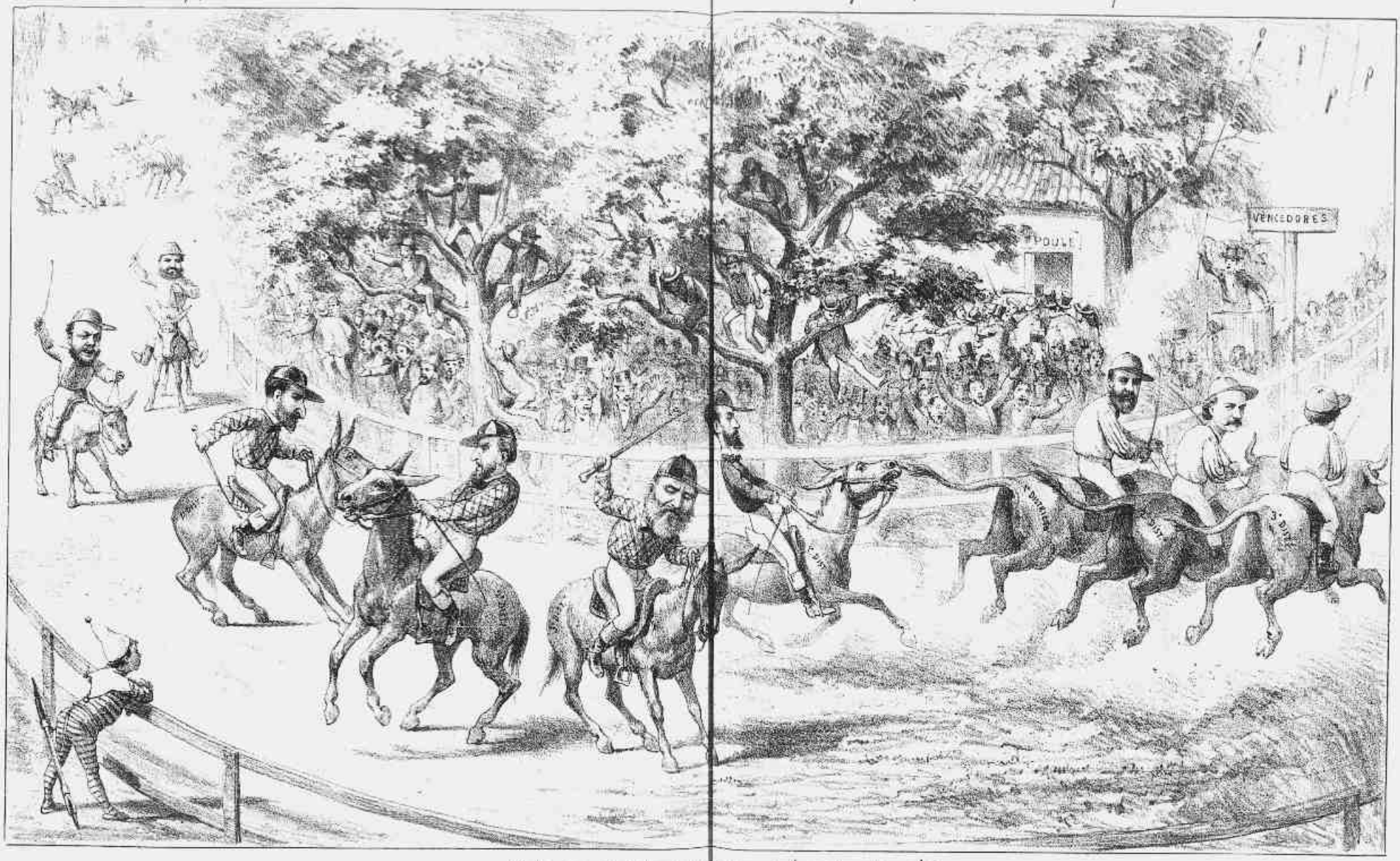
Primeiro, não nos parece que seja regular mandar fazer intimações a um paquete, por meio de uma baleeira.

Depois, é regra assente, que os primeiros tiros de bala, contra qualquer embarcação, devem ser dirigidos á mastreação.

O aviso torna-se, assim, inequivoco, sem incorrer no perigo de alguma desgraça.

Como é, pois, que uma fortaleza, em

Hippodromo Politico. Corrida eleitoral na Côrte. Grande premio. Páreo entre productos nacionaes.



Desta vez a victoria pertenceu á boiada. Hurrah!

face de um navio mercante, que não ouvia ou fingia não ouvir os avisos que lhe eram dados, crava uma bala no bojo do paquete, no logar destinado ás accommodações dos passageiros, causando a perda de uma vida e podendo ter occasionado muitas mortes ?

×

Absolutamente inexplicavel !

Mas, o navio, com os seus destroços, assim como a bala, lá seguiram para a Europa, aonde o nome brazileiro vae ser exposto aos mais vexatorios commentarios.

E' uma vergonha !

E o governo nada diz, parecendo, até, que acha bom esse acto de força.

Quanto á fortaleza, provavelmente, ella deixou de atirar á mastreação do vapor, por julgar que teria mais probabilidades de acertar — no bojo do navio !

ORLANDO.

As nossas festas

Continuam a chegar-nos affectuosas saudações, tantos dos nossos collegas da imprensa, como de assignantes e amigos.

A todos retribuimos, penhorados, essas agradaveis lembranças, fazendo votos para que o anno novo realise os vehementes desejos de prosperidade, que nutrimos, em relação aos nossos collegas — e vice-versa.

***

Da importante casa *Au monde élégant*, recebemos uma bonita folhinha de desfolhar, contendo ephemerides.

÷

Dos Srs. David Corazzi, por intermedio do Sr. José de Mello, o Almanack illustrado das Horas romanticas.

÷

Do Sr. Alcibiades Leite uma delicada caixa de madeira, contendo pós dentrificios, denominados *Alcibiadina*.

÷

Dos Srs. Almeida Marques & C. com estabelecimento de typographia e lythographia, á rua nova do Ouvidor, uma folhinha em *block*, feita em suas acreditadas officinas.

Da Pharmacia S. José, de Campos, um annuario dourado.

÷

Do chapeu monstro, uma lembrança para o anno de 1886.

÷

Grazzie.

THOMÉ JUNIOR.

Immigração allemã

Escrevem-nos :

« Na tão debatida questão da immigração allemã, para o sul do imperio, estamos vendo o seguinte, que não é nada lisongeiro para o nosso amor proprio :

As industrias, francezas, e allemãs, têm luctado, em nosso paiz, pendendo a balança para as ultimas.

Bismarck conhece-nos. Sabe que somos um bom mercado para consumir os productos da Germania, e, por outro lado, que os allemães, explorando este paiz, darão um grande contingente de prosperidades á mãe patria. Sabe mais, que somos, ainda, um povo sem autonomia, sem instrucção, e, que, na lucta, não teremos o poder de assimilar, pelo menos, a geração que vier domiciliar-se entre nós ; que, por isso, no Rio Grande do Sul a lingua allemã é conservada, em concorrencia triumphal com a nossa, e que essa colonia não tendo de gloriar-se com as cousas do Brazil, vive com os olhos pregados na mãe patria. Mora aqui mas, intellectualmente, vive em Berlim.

Como o dictador conhece, tambem, as inepcias dos nossos governos, calcula que nenhumas providencias serão tomadas para que as gerações successivas, oriundas dos primeiros immigrantes sejam brazileiras e de um patriotismo tão encendrado, como seus paes o tiveram pelo imperio allemão.

Assim, tudo lhe convem no Brazil. E' um excellente negocio para o presente e para alguns annos mais. No futuro, se não fizer bem, como certos remedios caseiros, mal, tambem, não fará.

Eis ahi o segredo da grande protecção á immigração para as provincias do sul !

Nós a desejamos, ardentemente. Mas é preciso que o governo não deixe crear, dentro de um paiz, que tende a tornar-se homogeneo, nucleos, que mantidos em isolamento, trarão, inevitavelmente, mais hoje, mais amanhã, a guerra civil.

Um pequeno beneficio do presente, poderia custar rios de sangue, a um futuro não remoto !

Contra isso é que é preciso tomar precauções. Ellas são, porem, tão faceis, tão intuitivas, tão naturaes, que, francamente, receiamos muito, que o governo prefira, antes, continuar a nomear tenentes coroneis para a guarda nacional, do que occupar-se, meia hora, com um assumpto, a que se prende o futuro do Brazil. »

De pleno accordo, e tanto mais que estamos habituados á praxe governativa de appellar-se, sempre, para a divina Providencia !

João da Cruz.

O eterno feminino

Nota-se, em toda a imprensa, tanto da côrte como das provincias, um principio de propaganda, sobre as revindições do sexo gentil.

Muitos jornaes discutem as aptidões da melhor metade do genero humano, para as profissões liberaes, para um circulo mais vasto de trabalho e de actividade, do que esse, que ate hoje tem limitado as ambições da mulher brasileira.

Não vão longe os tempos em que os honrados paes de familia, cheios de preconceitos e horror á letra redonda, se oppunham a que as filhas aprendessem a lêr, sob o pretexto de que assim, não se corresponderiam com os namorados.

Esqueciam-se de que os mercurios, são muito mais perigosos, quando exercem as suas funcções de viva voz, do que por intermedio dos gelidos carimbos do correio indifferente.

Os amantes analphabetos, dos seculos passados, á falta de calligraphia, valiam-se de outros recursos, e, tão efficazes — que as populações não tem deixado de augmentar, sempre n'uma proporção assustadora.

A abstenção da leitura e da escripta, não impediu os romances de amor de se complicarem extraordinariamente, até que a reluctancia foi vencida, e uma certa instrucção passou a ser, antes, um preservativo, do que um perigo á paz das familias.

***

Estamos, pois, no periodo de verificar se esses meios de educação devem ser ampliados ; se á mulher devem ser conferidos direitos, e estabelecida a igualdade com o homem, para o exercicio de um certo numero de cargos.

Crêmos que a esphera de acção do sexo gentil deve ser ampliada ; mas tambem nos parece que o circulo não póde ter um grande raio.

Ha incontestavelmente, com industrias e profissões, exclusivamente exercidas pelo homem, entre nós, e aonde a mulher póde exercitar-se com vantagem.

E, de facto, ella começa a mostrar-se muito apta para o professorado, para as industrias delicadas, para certos ramos do commercio, e até para o funccionalismo, nas repartições em que o serviço é, antes, minucioso do que pesado.

***

Na politica, porém, o bello sexo só deve passar *á vol d'oiseau*, n'um ambito largo, que lhe deixe vêr os factos de longe. Nada de se intrometter em luctas eleitoraes, de pedir votos, de formar *comités*, de patrocinar candidatos.

Desgostos e decepções, viriam azedal-a, dar lhe uma forte preocupação de exito, encarar factos passageiros, como acontecimentos momentosos, aos quaes seria um dever sacrificar o bom tempêro do jantar do marido, e até os vagidos desesperados do seu filhinho mais moço.

E, senão, veja-se :

Supplemento ao N.º 425. Influencia do balão Julio Cesar sobre os destinos politicos do Paiz. (Continuado do N.º 421.)

Antes de informar os nossos leitores acerca do destino que tiveram os Augustos viajantes, fazemos uma vista retrospectiva sobre os effeitos da sua ausencia aqui, na Côrte.

O Governo, vendo que não apparecem mais, encarregou o Sr. Cruls do Observatorio de examinar a abóboda celeste.

E como de todo não houvesse noticias, nem terrestres, nem celestes, o Sr. de Cotegipe e o resto do ministerio dissolveram a Imperial Princeza, para tomar conta da regencia.
J. Alves resistiu-se, sob pretexto de que tinha de cuidar dos filhos.

Reuniu-se então o Conselho d'Estado pleno e, depois de longas horas de discussão, o Conselho d'Estado não aconselhou causa alguma.

No entanto, havia grande receio que o Paiz cahisse nas mãos dos republicanos que, com certeza, mudariam a forma do Governo.

e que o Patrocinio e outros petroleiros abolicionistas proclamassem a liberdade dos escravos, completa e sem indemnisação.

Enfim, o Paiz se veria mettido na mais tremenda das bermudas e o governo obrigado a pôr-se ao fresco.

O caso era serio e a posição do governo melindrosa. Afinal, depois de muito parafusar a cabeça á procura de uma idéa de salvação,

S. Ex. gritou: Eureka! e procurando o Collega da Guerra, disse: — Juriqueira, preciso do S. Jorge.

O Santo e valente general foi encontrado em mistura estudo e coberto de teias de aranhas.

Procedeu-se logo a uma limpeza em regra, depois de despido da cabelleira e de todos os ouropeis officiaes e guerreiros.

Em seguida, pegando n'uma machada o Sr. de Cotegipe cortou a cabeça ao Santo. Sacrilegio! exclamou o Sr. Juriqueira. Alto! negocios de balcão responderam o Sr. de Cotegipe.

E pegando no corpo decapitado, S. Ex. acommettêo uma meia de arame de pescaço e ecclipse com a imperial roupa que mandara vir de S. Christovão. Só faltava a cabeça.

Mas o eminente escultor Bernardelli foi incumbido de modelar uma, e o encarregado disse que esta saiu extremamente perfeita.

Collocada a cabeça, S. Ex. foi comprimentado por seus collegas, embaixadores e demais humanidade perfeita. Só faltou falar disse o Sr. de Manoel. — Elle tambem é de poucas palavras disse o Conº Alfº Chaves. — Elle não de falar respondeu o Sr. de Cotegipe.

S. Ex. já tinha ensinado a um papagaio a dizer: Já sei, já sei, e outras chapas imperiaes.

O papagaio foi introduzido na imperial pessoa, preparada de mão para receber tão importante e augusta ave.

Como conversava, um dos ministros dirigio a palavra a S. M. — Já sei, já sei, respondeu logo este.
O effeito foi estupendo!
Gritando estentoriamente o seu verdadeiro. Todos os ministros curvaram-se respeitosos.

Admirados da tanta habilidade politica, os ministros carregaram o Presidente do Conselho em triumpho.

(Continua no supplemento)

O candidato X está em perigo. E' preciso sem perda de tempo falar com 5 ou 6 eleitores e convencel-os. Para isso é forçoso andar, de casa em casa, durante algumas horas. Mas o seu bebé de mezes, não póde tolerar essa ausencia. Chora desesperadamente. A mãe entre os grandes interesses sociaes, e a berraria do pequerrucho, não póde vacillar. A creança chora, mas calar-se-ha.

E, entretanto, os visinhos, com essa musica calamitosa, estarão amaldiçoando a hora em que as mulheres se mettieram na politica, e o marido, cujos trabalhos eleitoraes seriam muito mais efficazes, lá está, agarrado ao berço, a vêr se a creança socega.

Nada! Isto seria um horror.

***

Depois, muitos publicistas veem um perigo em se envolver a mulher n'esses episodios pelas tendencias despoticas que teem quasi todas as senhoras. Haverá por exemplo, despota que tenha gozado de uma fama oppressôra igual á das sogras? Qual! Imagine-se a presidencia do conselho de uma situação conservadora em mãos de uma d'essas rivaes de Attila, e um povo de generos liberaes, curvado aos arbitrios e desmandos do poder, em quadra eleitoral. E' horroroso! As tragedias gregas passariam a ser uma futilidade, e os grandes lances de desespero, dos povos antigos, desappareceriam, ante a invenção de sublimes torturas moraes, não sonhadas ainda.

***

Verifica-se, tambem, que é dos rostos imberbes, como os do sexo gentil, que até hoje teem vindo as maiores desgraças ao mundo e os mais atrozes soffrimentos á humanidade.

Napoleão 1º, Luiz XIV, e uma serie de estadistas, levados do diabo, sempre dispostos a lançar os povos uns contra os outros, como mastins, — não tinham signaes de barba.

Ao contrario, os homens de maior coração, os prototypos da bondade, os sabios e os patriarchas, em todos os tempos, uzavam longas barbas apostolicas.

A historia nos mostra, que do lado dos rostos imberbes, ha um serio perigo de despotismo, e de oppressão, de que dão testemunho, no passado, os imperadores romanos e, modernamente — as sogras.

Voltaremos ao assumpto.

BLOK.

Livro da porta

Rio de Janeiro. Dos Srs. Lachaud & C., recebemos um elegante volume, de 300 paginas, da penna do distincto escriptor Sr. Emilio Allain, e tratando do Brazil.

E' um livro magnifico e do qual nos occuparemos, em artigo especial, no proximo numero.

÷

Almanack Laemmert, para 1886.

E', por demais conhecido esse livro, para que insistamos sobre a sua utilidade, e sobre as qualidades que o recommendam.

E' o fructo de muitos annos de trabalho e de aturados esforços, afim de dar bons elementos de estatistica e de informação, ás pessôas, que, diariamente, o consultam.

A reputação do *Almanack Laemmert* está feita, e o seu maior elogio consiste em ter-se tornado indispensavel, em todos os escriptorios e repartições.

O presente volume traz alguns accrescentamentos, taes como, a relação dos negociantes e industriaes, nas provincias, assim como numerosos annuncios de casas commerciaes do estrangeiro.

Aos Srs. Laemmert & C. agradecemos o exemplar, primorosamente encadernado, que tiveram a amabilidade de enviar-nos.

÷

O Sr. O de Niemeyer, reuniu em um elegante volume, os artigos que escrevera em diversos jornaes, sobre os indios crichanàs e a missão civilisadôra do Dr. Barboza Rodrigues, no Amazonas.

Em um prologo escripto pelo Sr. Dr. Mello Moraes Filho, e que julgamos em grande contradicção com as ideias expendidas pelo Sr. O de Niemeyer, contesta-se a utilidade e a importancia dos trabalhos do naturalista brazileiro.

Prologo e livro, apesar de inseparaveis, *hurlent de se trouver ensemble*.

Quem não tiver opinião sobre o assumpto, ficará perplexo. Um dos auctores diz sim, o outro diz não. Em que ficamos?

÷

Do nosso collega J. Tinoco, recebemos um interessante volume, de toda a actualidade, agora que a côrte se despovôa, e que Petropolis faz o monopolio das attenções e das brisas, segundo dizem.

O livro tem por titulo modesto, o seguinte: *Guia de Petropolis*, mas é um repositorio interessante, da historia e das condicções pittorescas da nossa Monaco.

Tinoco fez um livrinho curioso e que tem o merito de não lembrar, a quem o lê, a palavra Petropolis, n'um sentido figurado.

E, isso, é muito, em um livro descriptivo.

Agradecemos o exemplar que nos enviou.

÷

Novissima Grammatica allemã, pelo Sr. Eduardo Frederico Alexander. Um livro que nos parece destinado a prestar relevantes serviços.

÷

O Paraiso Perdido, fasciculo 16, edição da casa David Corazzi, de Lisbôa.

÷

Almanak litterario pernambucano, collecionado pelo Sr. Gaspar R. da Costa.

÷

Artilheria naval, pelo Sr. coronel E. A. da Cunha Mattos.

÷

Tu e dio, ultimo pensamento musical do laureado maestro Sá Noronha.

÷

Orçamento provincial, do Rio Grande do Sul. Parecer redigido pelo Srs. Silveira Martins, Diana e Haensel.

Notavel documento politico, cujas idéas e theorias desejariamos vêr em execução. O orçamento, de cerca de tres mil contos, é fechado com saldo.

÷

Catalogo da bibliotheca do Gremio Litterario, organisado pelo Dr. Henrique de Almeida Costa.

÷

Analyse do projecto do açude de Quixadá, pelo ex-primeiro engenheiro da commissão, Dr. Antonio Joaquim da Costa Couto.

O assumpto, depois de cahir no dominio dos escandalos financeiros, cae, agora, no dos plagios.

Triste sina! Infeliz açude!

÷

Dos Srs. Ledoc & C. diversos specimens, do mais appetitoso aspecto, do pão fortificante, fabricado em seu conceituado estabelecimento.

÷

Versos. Não recebemos, esta semana, nenhum volume. Estamos abysmados!

THOMÉ JUNIOR.

EXPEDIENTE

Agradecendo a todos os nossos estimaveis assignantes da côrte e das provincias, que têm mandado satisfazer a importancia das suas assignaturas, rogamos aos que ainda se acham em debito, a fineza de mandarem saldar suas contas, até ao fim do anno, afim de que lhes não seja interrompida a remesa da folha.

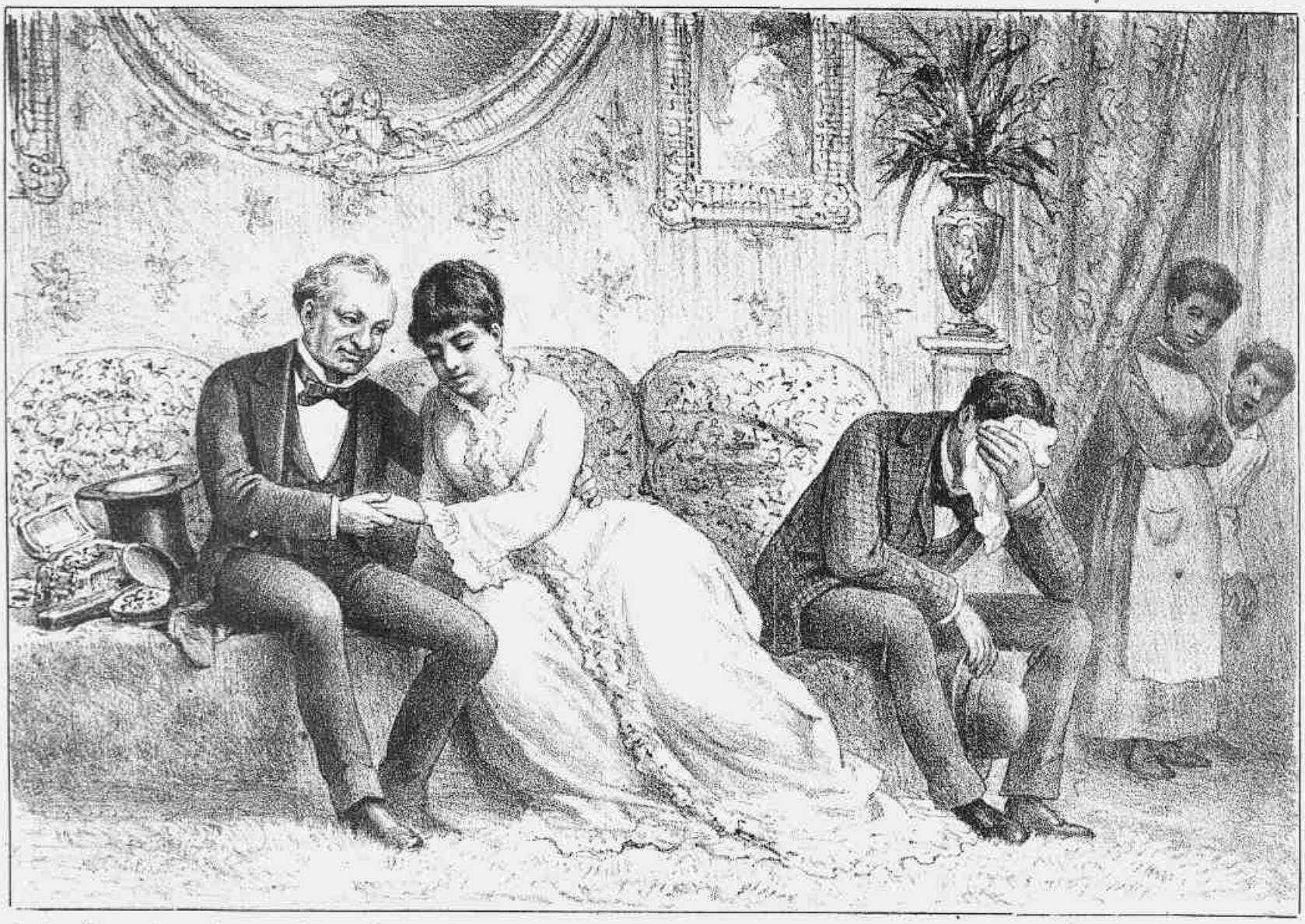
Qualquer importancia póde ser enviada á — Administração da *Revista Illustrada*, — pelo correio, em carta registrada, com valor declarado.

Contando que seremos attendidos, antecipamos, desde já, os nosso agradecimentos.

A Administração.

Typ. da *Distracção*, 31, r. d'Ajuda 31

A Nação Brasileira entre os dois partidos politicos, no dia da eleição. (15 de Janeiro de 1886.)



Cons.ª — Então, és minha, não é assim?
Nação — Que remedio tenho eu, senão entregar-me ao Snr.! Eu antes queria o outro, mas elle ficou desempregado e já não me pode sustentar...

Lib.ª — Ah, perfida!

— Uê! E não é que Sinhá acceitou o velho!
— Chiii! Não é tão cedo, agora, que nós fica forro!...